



REVISTA BABEL: INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA E DECOLONIALISMO POR MEIO DE REVISTA-LABORATÓRIO

Alexandre Barbosa

alexandre.barbosa@alumni.usp.br

RESUMO

Este relato pretende mostrar como o processo de ensino-aprendizagem da Revista Babel, produção laboratorial do curso de jornalismo da ECA-USP, contribuiu para construir a descolonização do conhecimento na medida que os estudantes passam a ter como referências fontes, personagens, autoras, autores e escolas de pensamento latino-americanas, além das tradicionalmente referências norte-americanas e europeias. Desta forma, a Revista Babel torna-se um veículo com critérios latino-americanos e decoloniais de jornalismo que fomentam nos alunos o espírito crítico para integração latino-americana, combate ao racismo e ao machismo e compreensão das características geopolíticas dos países que compõem a América Latina.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de jornalismo; decolonialismo; América Latina; revista-laboratório; teorias latino-americanas do Jornalismo.

A Revista Babel

A Revista Babel é a produção laboratorial do curso de jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Está atrelada à disciplina Laboratório de Jornalismo - Revista, ministrada para o 4º ano de jornalismo. Para os alunos de jornalismo, é preciso ter cursado as disciplinas laboratoriais anteriores que produzem o jornal comunitário Notícias do Jardim São Remo, o Jornal do Campus e o suplemento especial Claro!. Para alunos de outros institutos, pode ser cursada como optativa.

A Revista Babel, como produção laboratorial, é oferecida no currículo do curso de jornalismo desde 1997 e tinha como objetivo principal a aprendizagem dos estudantes nas técnicas de pauta, reportagem, redação e edição do formato revista. A partir de 2023, a Comissão de Coordenação de Curso (CoC) de Jornalismo decidiu que a revista teria como política editorial ser uma publicação voltada para a América Latina e seria conduzida, por dois semestres, por um professor temporário, enquanto o professor titular estava afastado. É desta experiência de inclusão da América Latina como política editorial de uma produção laboratorial jornalística que trata este artigo.

Colonialidade do pensamento

Ao adotar a América Latina como o centro da política editorial da Revista Babel, a disciplina Laboratório de Jornalismo - Revista passa a incluir no processo de ensino-aprendizagem tanto as competências e habilidades da

produção jornalística em revista, como também os conceitos de descolonização do pensamento. Ou seja, passar a priorizar fontes, referências, escolas de pensamento, autoras e autores latino-americanos nas bibliografias que embasam a disciplina e também nas produções de pautas e reportagens, adotando critérios de seleção e construção de notícias latino-americanos.

A partir de uma análise decolonial, a constatação é que a produção cultural e acadêmica da América Latina tem sofrido com preconceitos, menosprezo e, em alguns casos, até com a criminalização quando comparada com a produção norte-americana ou europeia.

O colonialismo na indústria jornalística

No livro “Por uma teoria latino-americana do Jornalismo”, Barbosa (2023) mostra como a indústria jornalística reproduz a lógica colonial ao trazer exemplos de como os processos coloniais e neocoloniais deixaram marcas profundas na América Latina. Barbosa cita Catherine Walsh (2017) ao afirmar que, com a Conquista, começaram as práticas de submissão, fragmentação, espoliação, violência, guerra e morte contra os povos originários, escravizados, movimentos sociais e camadas mais pobres. Para a autora, essas práticas continuam na atualidade com a submissão ideológica para “colonizar o território do imaginário [...] [e] garantir e legitimar o modelo econômico do capitalismo a serviço das transnacionais”. (Walsh, 2017, versão Kindle)

Walter Mignolo (2005) diz que este é um processo de colonização do conhecimento imposto ao longo de mais de 500 anos pelos impérios coloniais e imperialistas. Se a América Latina, atualmente, não está sob o domínio político dos impérios coloniais, afirma Mignolo, a lógica da colonialidade ainda vigora na ideia de mundo que se construiu através da colonialidade.

Barbosa afirma que esta lógica colonial se reflete na indústria jornalística e torna-se, praticamente, um valor-notícia, ou seja, há um silenciamento, apagamento e expropriação da história e da cultura da América Latina, tanto na indústria jornalística, como em outros mecanismos de circulação de conhecimentos.

As burguesias nacionais de cada nação latino-americana abdicaram da tarefa de desenvolvimento autônomo e preferiram a aliança com o capital estrangeiro. Por isso, as indústrias com mais tecnologia na América Latina são europeias ou norte-americanas e apenas exploram a mão-de-obra local. Da

mesma forma, os meios de comunicação abdicam das iniciativas de desenvolvimento de produções locais e adotam os modelos estrangeiros. “O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, de fora, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo” (Galeano, 1982. p.14). Essa neocolonização acontece também com os meios de comunicação, como mostrou Adelmo Genro Filho:

Na América Latina, esse processo está ligado [...] à dependência informativa que se gerou com base na integração e subordinação econômica, política e cultural aos Estados Unidos. [...] na verdade, o processo de expansão imperialista dos Estados Unidos e a consequente subordinação econômica, política e cultural da América Latina coincide, em linhas gerais, com o processo de urbanização e industrialização dos países mais adiantados do continente. Para esses países, a subordinação ao imperialismo correspondeu a uma forma de integração no contexto mundial do capitalismo e da civilização que ele patrocinou. (Genro Filho, 1987. p. 165-182)

A indústria jornalística, principalmente no Brasil, tende a menosprezar e até a criminalizar a cultura popular latino-americana (Barbosa, 2017 e 2023), associando essa cultura com o atraso em relação ao centro do capital. A indústria jornalística fabrica uma imagem das classes populares latino-americanas associadas ao atraso, à corrupção, à pobreza e à criminalidade. Nesta ação, o racismo se aplacou sobre a população de matriz africana, operando, muitas vezes, o apagamento dos saberes e da cultura negra.

Na América Latina, além da população negra, as mulheres são as que sofrem mais as consequências deste apagamento das classes dominantes, pois “as mulheres em geral e especialmente as mulheres jovens, camponesas, indígenas e afrodescendentes não são apenas descartáveis, são também alvos de eliminação, subordinação, captura, silenciamento, banimento e desterritorialização diante do sistema trator-escavadeira-arrastador do capital e sua matriz patriarcal moderna/colonial de poder (WALSH, 2017, Ed. Kindle).

Portanto, o decolonialismo na comunicação e no jornalismo passa pela incorporação de temas como extinção da fome e da pobreza, a realização da reforma agrária, o desenvolvimento sustentável que preserve a fauna, a flora, os recursos minerais e humanos, a eliminação do racismo e do machismo, o fortalecimento e preservação das culturas populares, a prioridade de pautas e fontes ligadas aos povos originários e os de matriz africana e a valorização da geopolítica e relações sul-sul.

Para que o jornalista pense como latino-americano e adote critérios de noticiabilidade latino-americanos para a seleção e construção de notícias – é necessário que ele esteja organicamente ligado à América Latina. Ou seja, é preciso que os aparelhos ideológicos da América Latina (universidades, escolas de ensino básico e meios de comunicação) aumentem a circulação de conteúdos relacionados às temáticas latino-americanas, desapegados da colonização do conhecimento.

Assim, um veículo jornalístico que se pretende latino-americano (e latino-americano com abordagem decolonial) pode lançar mão de critérios de noticiabilidade que ultrapassem a lógica colonial (racista, machista e opressora). Propõe-se valores-notícia latino-americanos:

- a) ***O conceito amplo e decolonial de América Latina.*** O termo América Latina é compreendido como posicionamento geopolítico e histórico, o que abarca mais nações latino-americanas do que a separação por línguas ou fronteiras geográficas.
- b) ***Seleção de fontes latino-americanas:*** uma das principais atividades jornalísticas é ouvir os relatos dos envolvidos nas histórias que serão contadas. Entende-se que o jornalismo latino-americano, para não seguir legitimando o discurso colonial, priorize as fontes que foram historicamente silenciadas: os povos originários, os povos de matriz africana, as camadas mais pobres, as mulheres e as populações LGBTQIA+.
- c) ***Prioridade para a cultura popular latino-americana,*** aquela que gera ou reforça a identidade de uma comunidade. Diante do secular silenciamento (apagamento ou até criminalização) das culturas populares latino-americanas, imposto tanto pela historiografia oficial, como pela indústria jornalística – ambas organicamente ligadas às classes dominantes – essas manifestações tornam-se valores-notícia significativos para os veículos latino-americanos e decoloniais.

Foram esses critérios de noticiabilidade propostos às turmas que produziram e p a Revista Babel no primeiro e no segundo semestre de 2023 como esforço para descolonizar o saber a partir de uma produção jornalística. Ou seja, ter como referência valores-notícia latino-americanos e decoloniais ao invés dos tradicionais valores europeus e norte-americanos.

Educação decolonial e latino-americana na Revista Babel

Em 2023, a Revista Babel passou a incluir a América Latina como componente central da política editorial, tendo como referência, os estudos decolonial vistos neste artigo e, como inspiração, o chamado de Torres García.

O projeto pedagógico da Revista Babel, centrado na América Latina, tem três objetivos:

- a) promover a descolonização do saber a partir de referências bibliográficas, aulas, exemplos e construção jornalística decolonial;
- b) contribuir para o processo de integração latino-americana;
- c) fornecer aos estudantes a visão holística da produção jornalística, da concepção do projeto gráfico à impressão e distribuição, passando pela pauta, redação e edição.

Na edição do 10 semestre de 2023¹, o título do editorial foi “Uma América...principalmente latina” e as demais pautas foram:

- Serra da Barriga reúne cultura e preservação ambiental;
- Comunidades pesqueiras: água como meio e modo de vida ;
- Panamá: o país que não se tornou uma nação soberana na sua independência;
- Do ato à finitude: os extremos de "Memórias de Minhas Putas Tristes";

Tão importante quanto as pautas, divididas entre editoriais (esportes, cultura, ambiente, comportamento) e que contemplam vários países latino-americanos, é o que os estudantes que participaram da produção apreenderam do processo. A turma foi convidada a manifestar-se, por meio de formulário aberto. Eis alguns depoimentos.

A estudante responsável pela reportagem sobre a independência do Panamá, pela primeira vez, teve contato com professores da América Central

A Revista Babel me incentivou a buscar uma pauta sobre a América Latina e decidi pelo Panamá. Nunca havia trabalhado com pautas sobre a América Central e tinha conhecimentos superficiais sobre o tema. A Babel me proporcionou estudar e aprender mais sobre a história do Panamá, além de compreender a geopolítica da América Central. Também me influenciou pela primeira vez a buscar fontes internacionais e tive a oportunidade de entrevistar dois professores panamenhos. (Depoimento de

¹ Disponível em https://issuu.com/prof.alexandre.barbosa/docs/revista_babelvf

Ana Carolina Rios Guerra ao autor deste artigo em 06 de outubro de 2023)

Na edição do segundo semestre de 2023², as pautas foram:

- Rock latino
- Reggae e influência jamaicana no Maranhão
- Fotografias da comunidade cigana no Chile
- Resenha do livro *Omeros*, de Derek Walcott
- Comparação da música Ranchera com a música sertaneja
- 50 anos do golpe no Chile
- Candidatos caricatos em eleições na Argentina, Guatemala e outros países
- Produtos paraguaios e o comércio das “cópias”
- Moedas, imagens e memória
- Invisibilização de povos nativos em áreas turísticas da América Latina
- Cooperação acadêmica e desenvolvimento regional
- Ervas de uso tradicional na América Latina
- Saúde mental de jovens na América Latina
- O islamismo na América Latina
- As aparições de Maria na América Latina

Entre as pautas sugeridas pelos estudantes, destaque para as que contemplam a diversidade de abordagens para povos originários, de matriz africana e para as periferias - do Brasil e do mundo, como a do reggae e a influência jamaicana no Maranhão, o perfil de mulheres em conflito com a lei, a dos imigrantes haitianos e a de ervas de uso tradicional.

Outra pauta significativa para a integração latino-americana e que mostra a importância da prática pedagógica da revista *Babel* é a resenha sobre o livro de Derek Walcott. O escritor é de Santa Lucia, uma ilha caribenha, que, pelos critérios decoloniais, pode ser considerada latino-americana, mesmo tendo inglês como idioma.

Como defende Barbosa (2023, 19-35), a definição sobre os países que integram a América Latina é um posicionamento ideológico, principalmente se esta definição torna-se valor-notícia de um veículo jornalístico que se proponha

² Disponível em http://issuu.com/usprevistababel/docs/babel_dezembro_2023

decolonial ou que pretenda ter pauta e abordagens decoloniais, como é o caso da revista Babel.

Bolívar, na Carta da Jamaica, de 1815, chama a todos de americanos, incluindo os “irmãos do Norte”. Não são as fronteiras, mas o fato sofrerem as consequências das imposições do império espanhol. Maria Ligia Prado defende que a América Latina não é uma denominação imposta por interesses alheios, mas um nome adotado conscientemente para atender às próprias reivindicações. “A partir daí, foi se construindo uma identidade latino-americana em oposição aos anglo-americanos dos Estados Unidos” (2020, p.9).

A identidade latino-americana surge dos processos históricos que esculpiram a região. A América Latina existe não como categoria geográfica e cultural previamente estabelecidas, mas como uma extrapolação destes conceitos, como oposição ao que ela não é. Ser latino-americano implica em ter histórico comum, marcado pela colonização, em estar na periferia do capitalismo como nações em vias de desenvolvimento tanto do ponto de vista comercial e industrial, como também de circulação de bens culturais.

Como mostrou Barbosa (2023, 19-35), a América Latina, na geopolítica, é uma região em que o processo de conquista empreendido pelas nações europeias, independentemente da língua ou da origem forjou sociedades profundamente marcadas pelos processos coloniais que guardam mais semelhanças do que diferenças.

Estas marcas são: a condição de periferia do Capitalismo, o racismo, o machismo e a colonialidade do pensamento. E é neste processo de desconstruir a colonialidade de pensamento que a prática de produzir a revista Babel pretende contribuir.

Entre os estudantes que produzem a edição do segundo semestre de 2023, o depoimento mais significativo de como é possível descolonizar o saber foi dado por uma das repórteres, durante as reuniões de pauta:

Logo de início, nos foi proposto aplicar um olhar e enfoque latino-americano às pautas desenvolvidas [na Revista Babel]. Os olhos brilharam e tudo pareceu fazer pleno sentido. Eu, Julia, sinto orgulho em ser latino-americana. Mas quando, de fato, expresso isso? No vai e vem da minha rotina, infelizmente, pouco parava para refletir sobre o significado da minha geolocalização. No fim dessa primeira aula, que nos trouxe a tal ponderação, a sensação foi de "orgulho lembrado". Saí determinada a produzir um material que tocasse e conduzisse os leitores à

mesma reflexão que tive. Queria tratar sobre arte. Sem ainda ter muita certeza e, sinceramente, conhecimento da cena latino-americana, parti para a pesquisa de efemérides - o que sempre me ajuda a nortear o pensamento. Depois de algumas pesquisas cheguei as seguintes pautas: 130 anos da obra "O Grito". "O Grito" de Edvard Munch e a Expressão Artística na América Latina: Explorando a influência da obra expressionista de Munch e como movimentos artísticos similares emergiram na América Latina, refletindo a angústia social e as transformações culturais da época. E 50 anos da morte de Pablo Picasso. Pablo Picasso e seu Impacto nas Artes da América Latina: investigando como as obras e técnicas de Picasso influenciaram artistas latino-americanos, contribuindo para o desenvolvimento da arte moderna na região. Quando concluí, parei por um segundo, olhei aquelas palavras na tela e tive quase uma epifania, ao me dar conta do quão viciado e enviesado estava o meu olhar. Eu falaria de assuntos latino-americanos, sim, mas ainda de um ponto de vista colonial. O constrangimento foi tamanho que me fez refletir sobre todas as minhas outras produções e, posteriormente, a me "confessar" com o nosso professor - aquele que, ao nos propor exercitar a visão decolonial, despertou o meu orgulho antes dormente, agora, atento. (Depoimento de Julia Mantuani, estudante do oitavo semestre do curso de Jornalismo da Universidade de São Paulo, ao autor deste artigo, em 06 de outubro de 2023.)

O que mostra este depoimento, recolhido entre outros na mesma linha, é que a descolonização do saber passa pela constatação, da própria estudante, que as referências europeias fazem parte do cotidiano. Vão desde as referências bibliográficas, passam pelas fontes e seguem pelo processo de seleção e construção das notícias.

A estudante percebeu que as referências eram europeias para falar sobre América Latina. O olhar estrangeiro para falar sobre nós mesmos. Prática semelhante a que fazem as agências internacionais de notícias, que falam da América Latina a partir do olhar europeu ou norte-americano. No caso, a pauta da estudante se transformou no perfil de mulheres em conflito com a lei: contar histórias de mulheres periféricas que passam pelo Instituto Terra, Trabalho e Cidadania, organização de direitos humanos.

O papel do professor neste processo de ensino-aprendizagem é facilitado pela proposta pedagógica de produzir a revista Babel: a produção jornalística permite que o estudante reflita e parta para a ação em campo. Porém, sem o estímulo, essa ação e essa reflexão seguirão com as mesmas referências que ele carrega: as referências da indústria jornalística e de uma educação baseada em fontes europeias e norte-americanas.

A ideia de transformar a política editorial da revista Babel em um veículo latino-americano é que os estudantes passassem a refletir sobre o que é a América Latina como realizar reportagens contextualizadas, não só para os demais países latino-americanos, mas também para as periferias do Brasil, uma vez que passassem a entender o Brasil como um país latino-americano.

Na sequência, passaram a compreender a importância da seleção de fontes que contemplem a diversidade, de priorizar as vozes que não são normalmente ouvidas; de adotar como valores-notícia: a cultura popular, a defesa das políticas públicas e de demais temas caros à América Latina.

Mario Kaplún chamou essa forma de ensino-aprendizagem de educação com ênfase nos processos. Um modelo que foi gestado na América Latina a partir das ideias de educadores como Paulo Freire, que deram as orientações sociais, políticas e culturais do que seria um instrumento de transformação da sociedade.

Neste processo de ensino-aprendizagem, as mudanças consistem em transformar o aluno passivo, conformista, individualista em um estudante crítico, solidário e comunitário. Diferente do modelo que se preocupa com que o aluno decore dados, o importante aqui é que o estudante seja capaz de raciocinar por conta própria e desenvolva sua capacidade de deduzir, de relacionar e de elaborar sínteses, que são as características da consciência crítica.

Os estudantes serão os futuros jornalistas e poderão ser submetidos aos demais constrangimentos organizacionais. Porém, cabe ao professor o papel de plantar a semente da solidariedade latino-americana, ali, no ambiente universitário.

Considerações finais

A revista-laboratório Babel, produção laboratorial dos alunos do último ano de jornalismo da ECA/USP, a partir de 2023 passou a ter como foco a América Latina. Os critérios de noticiabilidade, ou seja, o que é notícia para a revista Babel são temáticas latino-americanas: cultura popular; efemérides latino-americanas; entender o Brasil como país latino-americano; compreender o conceito decolonial de América Latina para além das definições linguísticas e fronteiriças, relações sul-sul na geopolítica e na economia; e o combate intransigente ao racismo e ao machismo.

Assim, a partir da produção jornalística, com a construção de reportagens aprofundadas com essas temáticas, desenvolveu-se um projeto de ensino-aprendizagem que teve como objetivos:

a) descolonizar o saber: os alunos, normalmente acostumados a usar referências europeias e norte-americanas, colocam a América Latina como referência de fontes e temáticas para as pautas e produções.

b) integrar a América Latina. a definição de que países formam a América Latina vai além das questões linguísticas ou de fronteiras e passam a incorporar a história e as influências dos processos coloniais.

Referências

BARBOSA, Alexandre. **Por uma teoria latino-americana e decolonial do jornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Frutificando, 2023.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

KAPLÚN, Mario. **Una Pedagogía de la Comunicación** (el comunicador popular). La Habana: Editorial Caminos, 2002.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

PRADO, Maria Lígia & PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2020.

REVISTA BABEL. Edições julho e dezembro de 2023. São Paulo: ECA/USP, 2023.

RIBEIRO, Darcy. **A América Latina existe?** Rio de Janeiro: Biblioteca Básica Latino-americana/Fundação Darcy Ribeiro, 2021.

ROUQUIÉ, Alain. **América Latina: introducción al Extremo Occidente**. 2ª. ed. México, Siglo Veintiuno, 1994.

WALSH, Catherine. **Pedagogias Decoloniales: practicas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo II. *Serie Pensamiento Decolonial*. Quito, Ecuador, 2017. (Ed. Kindle).

Depoimentos

Depoimento de **Julia Mantuani**, estudante do oitavo semestre do curso de Jornalismo da Universidade de São Paulo, ao autor deste artigo, em 06 de outubro de 2023.

Depoimento de **Ana Carolina Rios Guerra**, estudante do oitavo semestre do curso de Jornalismo da Universidade de São Paulo, ao autor deste artigo em 06 de outubro de 2023.